

Pedro Henrique Klauser Siqueira (UFMS-G) ¹

Resumo: Esta monografia investiga a trajetória de vida de ex-ateístas, buscando compreender os diferentes caminhos individuais na mudança da identidade religiosa no Brasil contemporâneo. A pesquisa é dividida em três capítulos. O primeiro explora a influência da religião na história do Brasil, destacando a aliança Estado-Igreja Católica no período colonial. O segundo aborda o perfil religioso contemporâneo, com mudanças na composição religiosa e a ascensão do ateísmo, ressaltando o fenômeno do trânsito religioso. O terceiro capítulo analisa relatos orais de ex-ateus/atéia, explorando suas trajetórias de formação, transição ao ateísmo e retorno à fé. A pesquisa utiliza a história oral para capturar a subjetividade. Os relatos refletem diversidade de razões para o ateísmo e a fé, enfatizando a complexidade da formação da identidade religiosa e pessoal, bem como o respeito mútuo entre diferentes visões.

Palavras-Chaves: Ateísmo. História. Religião no Brasil.

INTRODUÇÃO

Em termos metodológicos nosso trabalho se ampara na história oral. Segundo Verena Alberti (2005), a história oral é uma metodologia de pesquisa que se concentra em obter informações sobre o passado por meio de entrevistas com pessoas. Uma das principais características da história oral é o reconhecimento da subjetividade dos relatos fornecidos.

Fernando Mezdari (2022) discute as trajetórias de formação da identidade ateísta, destacando a importância do contexto social e cultural na construção dessa identidade. Ele evidencia que a identidade ateísta não é estática, podendo passar por mudanças ao longo do tempo.

Stuart Hall (2006), por sua vez, aborda a identidade cultural na pós-modernidade, ressaltando que a identidade não é algo fixo, mas sim um processo em constante transformação. Ele destaca que a identidade é construída através das relações sociais, culturais e históricas, e que cada indivíduo negocia sua identidade de acordo com o contexto em que está inserido.

Em resumo, tanto Mezdari quanto Hall defendem a ideia de que a identidade não é fixa, mas sim construída e transformada ao longo da vida, influenciada pelo contexto social, cultural e histórico. O processo de formação da identidade ateísta também deve ser entendido nesse contexto, envolvendo negociações e representações sociais.

¹ Graduando. UFMS - CPNA. E-mail de contato: pedroklauser@hotmail.com



A monografia utilizou entrevistas como fonte de pesquisa, bem como uma bibliografia composta por obras como "História Geral da Civilização Brasileira" de Sérgio Buarque de Holanda, "A Inquisição" de Anita Novinsky, "Ateísmos, descrenças religiosas e secularismo: história, tendências e comportamentos" de Fernando Mezadri, Marcos Vinicius de Freitas Reis e Ricardo Oliveira da Silva.

CAPÍTULO 1: A RELIGIÃO NA HISTÓRIA DO BRASIL

O Capítulo 1 aborda a influência da religião na história do Brasil, destacando sua importância desde o período colonial. Durante essa fase, o cristianismo, especialmente o catolicismo, tornou-se um elemento identitário crucial na sociedade brasileira, ligado à aliança entre o Estado e a Igreja Católica. O regime do Padroado fortaleceu essa aliança, permitindo à Coroa Portuguesa controlar aspectos financeiros e eclesiásticos. Os jesuítas desempenharam um papel fundamental na evangelização e educação no Brasil, embora tenham enfrentado conflitos com os colonos e acabaram sendo expulsos.

A Inquisição em Portugal, a partir de 1536, também afetou o Brasil colonial, reprimindo heréticos e cristãos-novos (judeus convertidos). O catolicismo foi imposto de forma rigorosa durante esse período. Nas eras imperial e republicana, o catolicismo manteve seu papel significativo, com a Constituição de 1824 reconhecendo-o como religião do Estado. O ultramontanismo influenciou a Igreja Católica no Brasil, buscando fortalecer o poder do Papa.

Com a proclamação da República em 1889, o Brasil se tornou um estado laico, rompendo oficialmente a ligação entre Estado e religião. No entanto, a Igreja Católica procurou recuperar sua influência por meio da "restauração católica" liderada por figuras como Dom Sebastião Leme, reafirmando o catolicismo como religião predominante.

Em resumo, a religião desempenhou um papel central na formação da identidade brasileira, desde o período colonial até a República, moldando a sociedade e a cultura brasileira ao longo do tempo, com diferentes configurações e relações entre Estado e religião.

CAPÍTULO 2: O PERFIL RELIGIOSO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

O texto aborda o perfil religioso contemporâneo do Brasil, destacando mudanças na composição religiosa da sociedade. A Igreja Católica, que buscava manter sua influência hegemônica, enfrenta desafios devido à diminuição de fiéis e ao crescimento de denominações evangélicas e daqueles que se declaram "sem religião". O número de católicos tem declinado,

enquanto os evangélicos têm crescido, especialmente em áreas periféricas e fronteiriças. Além disso, a população "sem religião" tem aumentado, incluindo desde ateus até pessoas que creem em uma divindade, mas não se identificam com uma religião institucional.

Conforme o Censo do IBGE de 2010 demonstrou que dos 15,3 milhões de brasileiros que se diziam “sem religião” (8% da população brasileira), 615 mil se consideravam ateus e 124 mil se declaravam agnósticos (SILVA, 2020).

O texto também explora o fenômeno do ateísmo no Brasil, com uma visão ampla que engloba desde a ausência de crença em Deus até a rejeição de qualquer realidade sobrenatural.

De acordo com Julian Baggini (2016), o ateísmo pode ser entendido como uma crença na existência apenas de objetos materiais. Para o filósofo inglês, o ateísmo contemporâneo não se baseia apenas no fisicalismo, que defende que apenas a matéria física é real, mas também no naturalismo, que reconhece o mundo natural como o ambiente da consciência, emoção e beleza, e não apenas átomos e forças físicas fundamentais.

O número de pessoas identificadas como ateias tem aumentado, ganhando mais visibilidade com a internet e a criação de associações ateístas e agnósticas. O ativismo ateísta busca combater o preconceito e promover a visibilidade dos ateus na sociedade.

De acordo com Ricardo Oliveira da Silva (2020), a visibilidade dos ateus e ateias no Brasil está associada ao crescimento do ativismo ateísta. Isso é exemplificado pelo surgimento de três associações recentes: a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) 2008; a Liga Humanista Leiga Brasileira (LiHS), 2010; e a Associação Ateísta do Planalto Central (APCE), fundada em 2013.

Além disso, teve o fenômeno do trânsito religioso, onde as pessoas transitam entre diferentes crenças e religiões ao longo de suas vidas, buscando respostas para questionamentos pessoais e influenciadas por diversos fatores.

Com base nas reflexões de Mezdari e Hall, entende-se que a identidade é um processo contínuo moldado ao longo da vida em interação com a sociedade, sujeito a mudanças constantes. A identidade ateísta é apenas uma das muitas identidades que um indivíduo pode adotar ao longo da vida. Dado que a identidade é dinâmica e suscetível a influências de experiências pessoais e sociais, indivíduos que previamente se identificaram como ateus podem eventualmente mudar sua identidade e se alinhar novamente com valores religiosos.

CAPÍTULO 3: AS NARRATIVAS ORAIS COM EX-ATEÍSTAS

No terceiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso, o foco está na apresentação e análise das entrevistas realizadas em 2023. O objetivo do estudo é compreender o processo de trânsito religioso na vida de pessoas que inicialmente abandonaram sua fé religiosa, adotando uma identidade ateuista, mas que posteriormente retornaram à experiência religiosa. O capítulo é dividido em três tópicos: o primeiro explora a formação religiosa dos entrevistados, incluindo a influência da família; o segundo aborda a transição da fé para o ateísmo, os motivos que levaram a essa mudança e seu impacto nas relações familiares e sociais; por fim, o terceiro tópico discute as razões para o retorno à crença religiosa e como os entrevistados avaliam sua identidade ateuista atualmente.

3.1 A Formação Religiosa

O primeiro tema que destacamos neste capítulo são os relatos sobre a formação religiosa vivenciada pelos entrevistados e entrevistada. O que encontramos nos depoimentos fornecidos é que a ampla maioria teve uma formação religiosa no seio familiar, com uma única exceção. No caso, trata-se de Paulo Gustavo Pellegrino Correa, de 44 anos, dizendo que a sua família é ateuista: “Então, eu venho, né, de uma de uma família ateuista né, de uma cultura ateuista, então, a minha mãe não era exatamente ateuista, mas, acabou de alguma forma nunca processando nada e meu pai é ateu bastante convicto” (CORREA, 2023).

Já Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, 31 anos, respondeu: “[...] assim meu pai e minha mãe na época eles eram evangélicos” (TRINDADE, 2023). Os demais entrevistados relataram um vínculo de infância com o catolicismo. Vinícius Gabriel Lorenzi, 22 anos, por exemplo, definiu sua formação religiosa como: “Ah, desde pequeno, minha criação era católica” (LORENZI, 2023). Gabriel Filipe Brasileiro Costa, 26 anos, apresentou sua formação religiosa como: “[...] fui criado sobre a influência da minha mãe nesse sentido ela me levava para igreja desde criança” (COSTA, 2023). Por fim, Fábio da Silva Sousa, 42 anos, indagou que sua formação foi: “Ah, então minha família é católica, mas não era católica praticante” (SOUSA, 2023).

Deste modo, temos a concepção de que a maioria dos entrevistados e entrevistada teve uma experiência orgânica dentro de uma igreja cristã. Entretanto, notamos que alguns entrevistados não conseguiram se envolver e se adequar com o pensamento e a prática da comunidade religiosa de suas famílias. Paulo Gustavo Pellegrino Correa nascido e criado em São Paulo capital, relata esse sentimento de desconexão com o ambiente religioso das escolas que frequentou na infância:

Eu vim de uma casa em que a gente estudou em escola religiosa, às vezes municipal, mas não por uma questão da religião, mas por que a escola era boa, né, tanto é que eu estudei inicialmente numa escola católica aí depois fui para a escola do estado mesmo e tal, aí depois, mais tarde eu fui para uma escola Batista, mas era sempre porque era uma escola tipo a PUC, né. Então não tinha a ver mesmo com a religião e aquilo, na verdade nem afetava muito, eu acabei crescendo né nesse meio. A religião era processada em casa por fim do ateísmo mesmo. (CORREA, 2023).

Essa sensação de desajuste em relação ao espaço da instituição religiosa pode ser observada nas falas de outros entrevistados. Ela está presente, por exemplo, na fala do Fábio da Silva Sousa:



Minha família é católica, mas não era católica praticante, inclusive quando eu nasci eu ia ser batizado, mas teve um problema, um problema assim com meu pai e eu nem lembro como foi assim o problema, algumas tensões assim e ele ficou puto e decidiu que ele não iria obrigar ninguém a ser batizado e que nós só iríamos ser batizados a partir do momento em que a gente quisesse. Então, nesse caso eu não sou batizado, eu tenho 42 anos e eu já cogitei algumas vezes o batismo, só que aí tem que fazer um monte de coisa como curso, isso aquilo eu acabei deixando de lado. Na origem familiar era isso, temente a Deus religioso. Eles eram católicos, mas não seguiam seus parâmetros religiosos institucionais (SOUSA, 2023).

Já, Gabriel Filipe Brasileiro Costa, atualmente residente em Fortaleza - CE, teve um vínculo mais orgânico com a instituição religiosa, sob influência da mãe:

Cara, eu nasci numa família que eu posso dizer que é religiosa, né, apesar do meu pai ele não ser uma pessoa muito religiosa, ele ser uma pessoa que se diz e acredita em Deus mas não pratica a religião em sentido de se comprometer a ir na igreja de orar e etc, e ter a crença no sentido nominal, né. Já a minha mãe não, minha mãe sempre foi comprometida todos os domingos em ir para dentro da igreja e coisas do tipo. Então, eu fui criado sobre a influência da minha mãe nesse sentido ela me levava para igreja desde criança me estimulava ler a Bíblia então vamos dizer assim que eu tive uma educação religiosa eu não diria que foi uma educação radical fundamentalista, mas foi o sentido de ser levada a me comprometer com aquilo desde criança (COSTA, 2023).

Neste sentido, temos a informação que na trajetória de vida de Gabriel Filipe sua mãe sempre se fez presente na religião, e o levou consigo. Ele ainda cita melhor as suas idas à igreja, dando a entender o comprometimento de sua mãe com a crença religiosa:

[...] desde criança fui levado à igreja e etc, então eu acredito que isso influenciou, né, acho que todo mundo tem aquele período em que se você é educado na igreja, você se torna um adepto aquela religião [...] era a igreja Presbiteriana Do Brasil, sediada aqui em Fortaleza né, acho que é uma das maiores igrejas que tem aqui por sinal [...] ela é bastante relevante na minha cidade (COSTA, 2023).

Podemos observar opinião similar no relato de Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, uma entrevistada que hoje reside no Cairo - Egito:

[...] eu cresci numa família que meu pai e minha mãe são evangélicos, meu pai é adventista da Igreja Adventista da Promessa, é um tipo de adventista só que é um pouco diferente é uma adventista pentecostal, porque tem o adventista que ele é mais tradicionalista, que ele não aceita o pitoresco [...] sempre estudei em escolas católicas porque as minhas avós me botavam, então eu estudei escolas muito tradicionais de Manaus [...] estudei várias escolas salesianas, são correntes do cristianismo, é uma corrente do cristianismo (TRINDADE, 2023).

Vinícius Gabriel Lorenzi, que atualmente mora em Nova Andradina – MS, também relatou que na infância e adolescência comparecer na igreja era parte do cotidiano da família e ele participava:

[...] desde pequeno, minha criação era católica, não praticante. Fui batizado mas, eu não fiz nenhuma eucaristia ou crisma. Meu pai era católico, a gente ia na igreja católica como família. Mas, minha mãe era evangélica, então, como meu pai viajava trabalhando, ela me levava, como não tinha onde me deixar, ela me levava na igreja evangélica [...]. Meu pai nunca ia à igreja por causa que não tinha tempo, mas quando morava em Paranavaí, pelo menos uma vez no mês a gente ia à missa, então, a gente sempre ia na igreja católica [...] Mas, eu frequentava a igreja evangélica até na adolescência (LORENZI, 2023).

O que podemos concluir a partir dos relatos que obtivemos é que nossos/a entrevistados/a, com exceção de um único caso, nasceram em famílias que comungavam de crenças religiosas cristãs. Algumas das famílias dos/a entrevistados/a tinham um vínculo mais orgânico com igrejas, e outras não. Uma parte dos/a entrevistados/a, em sua fase inicial de vida, foram levados/a pelos/a familiares para as atividades da igreja, sendo que em apenas em um caso houve um desconforto com essa prática, sendo que outros não indicaram algum tipo de incômodo com a vida na igreja.

3.2 Da Fé ao Ateísmo

Ao tratar das experiências que levaram os/a entrevistados/a a se tornarem ateístas, a maioria dos/a entrevistados/a afirmou que chegaram ao ateísmo mediante dúvidas e questionamentos sobre a fé, até o ponto de rompimento com a religião. Isso aparece na maioria das entrevistas. Contudo, é importante ressaltar que um dos entrevistados afirmou não ter tido uma formação religiosa familiar específica. Paulo Gustavo Pellegrino Correa disse que “Eu não tinha uma definição. Eu sabia que não era católico, eu sabia que eu não era protestante, eu sabia que eu também não era espírita. Mas, eu acho que tinha alguma crença, principalmente no

espiritismo (CORREA, 2023). Ele nos conta a sua história de como ocorreu a quebra com a crença religiosa:

Quando eu era novo meus amigos frequentavam a igreja local e de alguma forma eu tentei até frequentar, a ir tal. Mas, meus pais não iam, e aí era mais de ordem social mesmo, mais para socializar nas escolas. Eu só fazia o que era das escolas confessionais que eu estive, eu só fazia o que era obrigado, mas aquilo ali não me fazia assim, era sem sentido. Com isso, que eu fui definir ser ateu, acho que quando eu tinha 19 anos (CORREA, 2023).

Vinícius Gabriel Lorenzi compartilhou sua experiência de adolescência ao questionar a existência de Deus. Aos 14 anos, influenciado por um amigo ateu, começou a duvidar da fé. Ele não encontrava na Bíblia respostas para questões como evolução, questões de gênero e o papel de homens e mulheres em sua religião. Além disso, ele questionava a ideia de um Criador que criou o universo em apenas sete dias. Sua insatisfação com as atividades religiosas na igreja também era evidente, preferindo outras atividades como assistir Naruto, ir ao shopping e comer no McDonald's.

Situações semelhantes foram relatadas por Gabriel Filipe Brasileiro Costa, o qual revelou o desinteresse de frequentar a igreja e apresentou dúvidas sobre os preceitos religiosos. Aos 18 anos, ele começa a ter questionamentos sobre a fé e se tornou, de forma involuntária e depois consciente, agnóstico e posteriormente ateu. Em sua reflexão pessoal, ele afirma que chegou à conclusão de que Deus não existia e que a ciência era capaz de explicar tudo (COSTA, 2023).

Fábio da Silva Sousa descreveu sua experiência de ruptura com a fé com o ingresso no movimento punk Straight Edge em São Paulo, entre os 16 e 17 anos. Ele começou a ler textos anarquistas e ateístas, com destaque para "Deus e o Estado" de Bakunin, que o levaram a desenvolver uma identidade juvenil anarquista e se posicionar como um ateu militante. Para ele, o ateísmo não era apenas uma questão filosófica ou histórica, mas uma forma de contestação social.

No entanto, temos um relato impactante sobre a ruptura com a crença religiosa com a entrevistada Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade. De acordo com ela, aos 16 anos de idade começou a questionar a existência de Deus devido a um caso de violência sexual que sofreu de uma pessoa próxima. Ela expressou sua perplexidade, uma vez que sempre havia sido uma fiel frequentadora da igreja e seguido os preceitos religiosos rigorosamente. Ela se perguntou por que Deus não a protegeu naquela situação. Esse episódio levou-a a abandonar a igreja evangélica e a se afastar da religião, devido à percepção de hipocrisia por parte dos membros

da igreja. Ela notou também que, enquanto muitos louvavam a Deus e Jesus, havia comportamentos contraditórios entre os membros, como um missionário que traía a esposa e tinha filhos fora do casamento, e o tesoureiro da igreja envolvido em desvio de dinheiro (TRINDADE, 2023).

Ao comentarem sobre a reação familiar com a identidade ateu, os/a entrevistados/a afirmaram que a família aceitou abertamente suas visões acerca do ateísmo. Fábio comenta que: “nessa questão familiar foi até mais leve pensando hoje assim, do que eu poderia imaginar assim, atrito zero” (SOUSA, 2023). Paulo cita que: “foi fácil, era justamente por estar em concordância com as coisas que existiam em casa e no meu meio social também, não foi um problema” (CORREA, 2023). Vinícius nos relatou que: “Minha convivência em família não mudou nada, meus pais me indagaram me perguntando se eu tinha certeza e eu respondi que não queria e eles aceitaram e ficou assim tranquilo” (LORENZI, 2023).

Entretanto, houve um entrevistado que relatou certa dificuldade ao se expor como ateu para a família da esposa, pois com a sua família foi algo natural. No caso, aconteceu com o Gabriel:

Quando comecei a namorar com ela, contei que sou ateu, mas a família dela é muito católica. Ela disse que quando contou para a mãe e a irmã, houve surpresa e a mãe tinha uma certa esperança de que eu pudesse deixar de ser ateu. Sentia um desconforto por parte da mãe dela, enquanto o pai era mais tranquilo. Para evitar o desconforto, eu ia à missa com ela por um tempo, mas logo me senti desconfortável por não acreditar e por ter sido criado em uma religião protestante e ficar indo (COSTA, 2023).

No geral, esses relatos destacam diferentes experiências, caminhos e significados que levaram os/a entrevistados/a a abraçarem o ateísmo como visão de mundo significativa para sua vida. Sendo assim, nos revelaram uma variedade de motivações, experiências e influências que levaram os indivíduos a terem o sentido de serem ateístas. Cada história contribui para um entendimento mais abrangente das complexidades envolvidas na formação da identidade ateu e destaca as diferentes maneiras pelas quais o ateísmo foi adotado e expressado por eles e por ela.

3.3 O Retorno à Fé

Neste tópico buscamos explorar as experiências e reflexões dos/a entrevistados/a que passaram por uma jornada de transição da posição de ateísmo para a adesão a uma crença religiosa. As narrativas apresentam um processo de transformação pessoal e espiritual que envolveu uma série de eventos e sentimentos particulares.

Vinicius nos relatou que, após ser convidado por um amigo para participar de um acampamento religioso, decidiu dar uma “última chance para a fé” (LORENZI, 2023). Eis o relato sobre o acampamento:

Eu conheci o Giovanni, ele faz parte do grupo de jovens. Ele me fez um convite daqueles acampamentos de uma semana [...] eu falei quer saber vamos dar uma chance, a última chance para a fé [...] e lá eu experimentei momentos espirituais intensos, incluindo sensações de calor nas costas e um sentimento de presença divina. Após reflexões e interações emocionais durante o acampamento, eu estava ali totalmente entregue como um cristão [...]. Foi basicamente assim, que eu encontrei a fé e aí sim eu virei católico que eu comecei a ir na igreja e eu frequentava bastante (LORENZI, 2023).



Após um período se identificando como ateu, Fábio revisitou suas concepções sobre religião e espiritualidade. Ele descreve sua busca por uma religiosidade indefinida e sincrética, na qual ele mistura elementos de diferentes tradições religiosas e cria rituais pessoais:

Minha jornada do ateísmo para a religiosidade refletiu uma mudança nas minhas percepções sobre os outros e o mundo. Inicialmente, via a religião como uma forma de dominação e superioridade. Entretanto, uma leitura equivocada do ateísmo me fez perceber suas limitações. A religiosidade se revelou plural e cheia de dúvidas, enquanto meu ateísmo anterior era inflexível [...]. Hoje, mantenho uma religiosidade vaga e sincrética, com símbolos e rituais que criei para mim mesmo, como uma pulseira com o Pai Nosso, uma tatuagem de Oxossi e um crucifixo. Essa jornada traz paz, mesmo com lampejos de dúvidas ateístas. (SOUSA, 2023)

Ambos os relatos destacam a importância das reflexões pessoais na revisão das crenças espirituais que por um dado momento de suas vidas eles haviam rejeitado.

O Gabriel nos compartilhou a sua jornada espiritual e religiosa, destacando sua transição do ateísmo e a sua adesão à Igreja Anglicana. Inicia-se com o relato sobre sua entrada na Igreja Anglicana, motivada pelo desejo de encontrar uma comunidade que compartilhasse sua consciência social e valores éticos, bem como oferecesse uma experiência litúrgica significativa. Ele explora suas pesquisas filosóficas e teológicas, mencionando influências de figuras como Valdenor, Paul Tillich e Rudolf Karl Bultmann:

Atualmente, eu me converti à Igreja Anglicana, principalmente devido à minha busca por uma comunidade com consciência social e uma abordagem menos apavorante em relação à religião. Achei na Igreja Anglicana a combinação de valores que procurava. Minha jornada de fé foi moldada por influências como o filósofo Valdenor e o pensador Paul Tillich, que tinham visões naturalistas de Deus. Passei por uma evolução intelectual e cheguei à conclusão de que, mesmo se o naturalismo for verdadeiro e milagres não ocorrerem, a experiência religiosa ainda é relevante [...]. Retornei ao cristianismo devido à convicção existencialista de pensadores como

Rudolf Karl Bultmann e Paul Tillich [...]. Prefiro igrejas menores e inclusivas, o que me levou à Igreja Anglicana, onde estou frequentando uma célula que em breve se tornará uma igreja oficial. Essa escolha reflete minha identificação com seus valores igualitários e direitos humanos [...]. Estou prestes a fazer minha pública confissão de fé para me tornar oficialmente um anglicano (COSTA, 2023).

Paulo nos expôs que por meio de momentos difíceis de sua vida e como suas experiências psicodélicas, em especial o chá de ayahuasca, o levaram a transcender suas visões anteriores sobre a espiritualidade e o ateísmo. Suas reflexões e as transformações interiores resultantes o levaram a reconsiderar sua crença e a aceitar a possibilidade de algo além da dimensão material, marcando um momento significativo em sua evolução pessoal e espiritual:



Aos 39 para 40 anos, durante uma fase difícil após divórcio de um casamento de 15 anos, busquei experiências psicológicas, incluindo o uso de ayahuasca, um chá psicodélico. Inicialmente cético em relação a aspectos religiosos, tive uma experiência marcante com a ayahuasca que me levou a reflexões transcendentais. Frequentando sessões subsequentes, a reflexão persistiu mesmo sem os efeitos da substância. Isso levou a uma introspecção profunda, culminando em dezembro de 2018, quando reconheci uma transformação espiritual significativa e a cisão com meu ateísmo (CORREA, 2023).

A história impactante de Ana Rita foi marcada por desafios de saúde e experiências traumáticas que a levaram a buscar por respostas espirituais. O resultado foi a conversão ao Islã:

Eu tive um problema de saúde muito sério precisei ficar internada precisei receber transfusão de sangue [...] e lá vi as pessoas que tava com a Bíblia, com um terço, com um livro espírita [...] comecei a perceber que a fé era como um apoio e aí eu comecei a analisar a situação de uma forma diferente [...] em 2012 de fato eu comecei a ler sobre três religiões específicas o Islã, o Hinduísmo e tem uma outra terceira que é o budismo [...] eu comecei a deixar de lado o budismo porque é muito sabe muito fantasioso [...] eu ganhei um livro chamado “Mulheres no Islã” [...] descobri que lá as mulheres têm muitos direitos só que a gente não vê isso [...] quando foi em 2019 para 2020 fui para Salvador para passar virada [...] aí um cara assaltou a gente, tava tudo de valor lá dentro de uma bolsa [...] e o cara colocou a arma na minha cabeça e tentou atirar três vezes, a terceira vez eu só pensava assim, eu vou para o inferno, e naquele momento que o assaltante simplesmente me chamou de bruxa porque não estava funcionando e ele deixou a gente lá, eu me joguei no chão eu comecei a chorar e eu só comecei a falar lāh 'ilaha 'illāl-lāh foi a única frase que sai da boca, significa literalmente não há Deus além de Deus [...] em 2020 eu disse vou me converter eu quero entrar para o Islã eu tô buscando paz no meu coração, eu tive uma prova de que Deus cuida de mim (TRINDADE, 2023).

Os relatos apresentados abordam experiências de transição religiosa e espiritual dos entrevistados e da entrevistada, mostrando suas jornadas pessoais de reflexão, questionamento e busca por um sentido existencial religioso. Cada relato revela a complexidade e a

singularidade das trajetórias de vida, refletindo as mudanças nas crenças, valores e perspectivas ao longo do tempo.

Após as experiências de trânsito religioso que resultaram no retorno à fé por parte dos entrevistados e entrevistada, há uma avaliação sobre o que é o ateísmo. No caso do Paulo, ele cita que consegue compreender o ateísmo hoje mais como uma visão política: “Hoje eu vejo eu acho que o ateísmo para mim e minha família eu acho que para muitos também, dos meus amigos mais como uma posição política e que eu acho que como a posição política deve ser respeitada e acabou” (CORREA, 2023).

Fábio Sousa destaca a importância de uma abordagem filosófica ao ateísmo. Ele também discute a relação do ateísmo com o contexto político e social, especialmente quando a religião é usada para influenciar políticas. Ele ressalta que o ateísmo pode ser uma experiência enriquecedora e que todos deveriam pelo menos ter uma experiência de ser ateu em algum momento da vida:

Acho interessante e essencial adotar uma abordagem filosófica ao ateísmo. Percebo que ainda carrego vestígios das opiniões que tinha quando era mais jovem, algo que também vejo nas discussões online. Muitos ateus se veem como esclarecidos, mas isso muitas vezes está relacionado ao contexto social em que a religião e a política se entrelaçam. O ateísmo se torna crucial quando observamos tentativas de influenciar políticas usando argumentos religiosos para controlar questões como o aborto. Assim, acredito que o ateísmo é necessário e pode ser uma experiência enriquecedora para todos. Ele desafia a mente e estimula questionamentos. No meu caso, o questionamento foi tão profundo que até retornei a ele temporariamente. Portanto, é fundamental superar a ideia de que todos os ateus são anticlericais e focar na dimensão política e social do ateísmo. Acredito que todos devem experimentar o ateísmo pelo menos uma vez na vida (SOUSA, 2023).

Gabriel Costa enfatiza o respeito pelo ateísmo e o considera uma posição válida e coerente. Ele reconhece a importância do pensamento filosófico tanto no ateísmo quanto no teísmo e valoriza a coexistência de diferentes pontos de vista. Costa também observa que o ateísmo pode ter diferentes manifestações, desde o ateísmo de senso comum até o ateísmo filosófico:

Tenho grande respeito pela perspectiva ateísta, especialmente quando considero a abordagem filosófica e intelectual dos argumentos que são discutidos e produzidos. Reconheço o valor dessas visões, não é uma questão de discordar e rotular negativamente, mas sim de entender que há uma base respeitável de pensamento. Da mesma forma que eu já considerei a posição teísta como intelectualmente respeitável quando eu estava no ateísmo. Sob essa perspectiva filosófica, vejo o ateísmo como uma posição respeitável. Ao considerar o senso comum, é como enxergo o teísmo e o ateísmo do cotidiano. Ambas são posições respeitáveis, seja alguém que frequenta a igreja por anos sem questionar a existência de Deus, ou alguém que tenha passado pela mesma jornada, indo da religião para o ateísmo (COSTA, 2023).

Ana descreve o ateísmo como uma posição respeitável, especialmente no que diz respeito à rejeição da hipocrisia religiosa. Ela enfatiza que os/as ateus/ias podem ser pessoas boas e altruístas, assim como os/as religiosos/as, e observa que eles/a muitas vezes têm uma visão clara do bem e do mal:

Hoje, vejo o ateísmo como uma perspectiva que nem sempre compreendo completamente, mas que não define alguém como bom ou ruim [...]. Tenho conhecido ateus que são pessoas incríveis e admiráveis, enquanto também já encontrei religiosos hipócritas e prejudiciais. Para mim, os ateus são frequentemente indivíduos com convicções sólidas, muitas vezes desgostam da hipocrisia presente em algumas religiões [...] Vejo os ateus como pessoas coerentes com suas crenças, independentemente de acreditarem ou não em Deus. Para mim, a maioria dos ateus são pessoas que seguem uma lógica interna e são coesas em suas crenças ou descrenças (TRINDADE, 2023).



Vinícius menciona que passou por diferentes fases de descrença e crença ao longo dos anos e destaca que o ateísmo é uma escolha de não ter fé. Lorenzi ressalta a importância de respeitar as crenças e descrenças das pessoas, independentemente de estarem associadas ao ateísmo ou à religião:

Não sei se minha perspectiva mudou com o tempo, mas aos 22 anos, passei pelo ateísmo aos 14, voltei à fé aos 18 e recentemente saí do ateísmo [...]. Percebi que a fé não precisa ser reprimida; se não me incomodava, eu não incomodaria os outros [...] O ateísmo nada mais é que uma opção de descrença na fé (LORENZI, 2023).

Portanto, os depoimentos refletem diferentes perspectivas e nuances no entendimento do ateísmo. Há uma variedade de motivos para adotar ou rejeitar o ateísmo, incluindo considerações filosóficas, políticas e pessoais. O respeito mútuo é uma característica presente em todos os depoimentos, com os/a entrevistados/a valorizando a coerência nas crenças e destacando a importância de não generalizar ou estereotipar ateus/ias ou religiosos/as. As experiências pessoais também são centrais, com alguns/a entrevistados/a enfatizando a busca pela paz interior, a análise crítica das crenças e a conexão com uma comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas Considerações Finais desta monografia, destacam-se as principais conclusões da pesquisa sobre a mutabilidade da identidade religiosa, com foco nos relatos pessoais dos entrevistados. O estudo abordou a evolução das trajetórias religiosas no Brasil ao longo dos

séculos, enfatizando o impacto do catolicismo dominante desde a colonização. No cenário atual, o ateísmo no Brasil está passando por mudanças significativas, com um aumento na visibilidade e diversidade de visões dentro da categoria "sem religião".

Os relatos pessoais dos entrevistados acrescentaram profundidade à pesquisa, evidenciando a fluidez da identidade e a capacidade de transformação ao longo da vida. A transição religiosa é influenciada por uma variedade de fatores, desde influências familiares até questionamentos filosóficos e experiências pessoais.

As perspectivas dos entrevistados em relação ao ateísmo variam, enfatizando a importância de reconhecer a diversidade de pontos de vista e evitar estereótipos. O respeito mútuo entre diferentes posições religiosas e ateias é uma constante em todas as narrativas.

A pesquisa contribui para um entendimento mais amplo da dinâmica religiosa no Brasil, especialmente no que diz respeito ao trânsito religioso. Os relatos pessoais dos entrevistados acrescentam uma dimensão qualitativa e individual à análise, destacando a complexidade das jornadas religiosas e a importância da autonomia na busca por significado. A pesquisa também ressalta a necessidade contínua de diálogo e respeito entre diferentes perspectivas religiosas e não religiosas, promovendo uma sociedade mais inclusiva e compreensiva.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALMEIDA, Ronaldo de e MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. In: **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 92-101, 2001.

AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). In: **Revista Brasileira de História**, vol. 32, nº 63, p. 143-170, 2012.

BAGGINI, Julian. **Ateísmo**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2016.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil** (1824). Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 29 ago.2023.

- CAMURÇA, Marcelo. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino, MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.63-87.
- COELHO, C. M.; ROMERA, Edison. Reação católica e “questão religiosa” no Brasil Republicano. In: **Estudos de Religião**, v. 30, p. 111-128, 2016.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GRACINO JUNIOR, Paulo. “A visão aérea e a do nadador”: reflexões sobre católicos e pentecostais no censo de 2010. In: **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 10, n. 28, p. 1154-1183, 2012.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LACOMBE, Américo Jacobina. A Igreja no Brasil colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. (dir). **História geral da civilização brasileira**. Tomo I. A época colonial. Vol. 2: administração, economia, sociedade. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 61-88.
- MEZADRI, FERNANDO. Trajetórias para a formação na identidade ateuista. In: MEZADRI, Fernando, REIS, Marcos Vinicius de Freitas, SILVA, Ricardo Oliveira da (orgs.). **Ateísmos, descrenças religiosas e secularismo: história, tendências e comportamentos**. Rio Branco: Nepan Editora, 2022. p. 93–107.
- NOVINSKY, Anita. **A Inquisição**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Padroado e Regalismo no Brasil Independente. In: **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013, p. 1-23.
- SILVA, Ricardo Oliveira da. **O ateísmo no Brasil: Os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

